

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Folha de São Paulo

Class.:

1292

Data:

26.01.78

Pg.:



Os xavantes de Pimentel Barbosa pedem a expulsão de fazendeiros da área indígena.

Índios esperam resposta prontos para o ataque

RESERVA DE PIMENTEL BARBOSA — Mato Grosso (de Pamela Nunes e Nelson Penteado-Enviados Especiais) — Hoje é o dia "D" para o problema indígena nesta região: ou o Governo consegue fazer os fazendeiros abandonarem suas casas, ou os xavantes iniciarão a "guerra santa" para expulsar de suas terras o branco invasor.

Segundo declarou ontem o cacique Arondi, só uma resposta favorável às reivindicações dos índios a expulsão dos fazendeiros pode impedir o ataque previsto para amanhã.

"Não vai passar outra lua sem luta, se a terra não nos for devolvida imediatamente" — afirmou Arondi, depois de revelar que o ataque, caso aconteça, terá por alvo as fazendas de propriedade da Taxi Aéreo UTA e de Waldemiro Lopes, Gervásio da Silva e Argemiro Cardoso, as quais já foram abandonadas.

Como bom estrategista, Arondi não revela sua força de guerra, estimada em cerca de uma centena de homens. Sabe-se, porém, que os xavantes de outra aldeia próxima, chefiada pelo cacique Celestino, também estão preparados para intervir no conflito, o mesmo acontecendo com a tribo do cacique Aniceto, que diz ter 640 homens em prontidão. Notícias não confirmadas dão conta de que os xavantes das reservas de Kuluene, San-

gradouro e Areões também estão mobilizados e podem intervir na "guerra".

Ontem, vigiados de perto por 45 homens do Exército, os xavantes desta comunidade não escondiam a tensão que precede o fim do prazo que deram para os fazendeiros deixarem a reserva. Embora não ostentassem pinturas de guerra, eles passaram o dia em reuniões onde eram esquematizados planos de ocupação das fazendas. Ao que se comenta, eles dispõem de um razoável poder de fogo, com as armas atualmente escondidas no mato, para evitar a apreensão pelo Exército.

Convencidos da firme disposição dos xavantes, os fazendeiros deram ordens aos trabalhadores para que buscassem refúgio no povoado de Matinha, à margem da rodovia BR-80, onde estão acampadas as tropas do Exército.

A resposta que os índios aguardam pode chegar hoje através do antropólogo Claudio Lemos, despachado ontem para esta região pela direção da Funai. Segundo os comentários correntes, o Ministério do Interior ofereceu aos fazendeiros o pagamento de uma indenização pelas benfeitorias. Nega-se, porém, o direito de qualquer indenização pelo valor das terras — cerca de 170 mil hectares, avaliados em mais de 250 milhões de cruzeiros — mesmo porque as fazendas foram construídas em área indígena.